

Nº 03 | 2023 | ISSN 2965-3312

ANAIS SEPHA UERJ

TRAJETÓRIAS PLURAIS

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/

s471 Seminário de Pesquisadores de História da Arte

(3. : 2023 : Rio de Janeiro)

Anais SEPHA UERJ: trajetórias plurais. – Rio de Janeiro: UERJ,
PPGHA, 2023.

350 p.

Informações retiradas da capa: v.1, n.3.

Periodicidade anual.

ISSN 2965-3312.

1. Arte – História – Congressos. I. Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História da
Arte. II. Título.

CDU 7(091)

Bibliotecária: Cristina da Cruz de Oliveira – CRB-7 4342

GT 5

Trajetórias

Plurais:

Arte e

artistas no

Século XIX

David Widhopff e as ilustrações satíricas no periódico paraense *O Mosquito*

Laura Camila Silva da Silva (UNIFESP)¹

Resumo: O presente trabalho analisa as ilustrações que compunham o periódico *O Mosquito*, feita pelo caricaturista e diretor artístico David Osipovitsch Widhopff. O artista chegou a Belém em 1894, contratado para o cargo de professor de desenho na Escola Normal e no Lyceu Benjamin Constant. No ano de 1895, teve a oportunidade de trabalhar como ilustrador nos jornais paraenses *O Mosquito*, *A Província Illustrada* e *Zig-Zag*. As ilustrações divulgadas n’*O Mosquito* “Um amargo quarto d’hora para o sr. Percopo”, “A Anna Politova na noite de seu benefício” e “Sua majestade Joana e seu pintor” serão analisadas no presente artigo, visando discutir e refletir sobre as escolhas do artista em relação ao que seria divulgado no periódico. São ilustrações referentes aos acontecimentos da época e que dedicaram grande destaque ao teatro e à

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Arte na UNIFESP, sob orientação da Profa. Dra. Elaine Dias, e apoio da FAPESP (processo nº: 2022/10872-4). Bacharel em História pela UFPA. Foi bolsista PIBIC/CNPQ sob orientação do Prof. Dr. Aldrin Figueiredo, e bolsista PROAD na Cátedra João Lúcio de Azevedo, vinculada à Pró-Reitoria de Relações Internacionais da UFPA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9224610708124109> . Email: laura.camila@unifesp.br.

ópera da estação lírica de 1895, ocorrida no Theatro da Paz. Objetiva-se investigar o estudo da produção, circulação e recepção das obras e do jornal enquanto representações do interesse do artista russo pela cultura brasileira, o cunho irônico de suas caricaturas e a inclusão de Widhopff em meio aos círculos artísticos e culturais da sociedade paraense do final do século XIX.

Palavras-chave: David Osipovitsch Widhopff; O Mosquito; Belém do Pará; Séc. XIX.

O presente trabalho pretende analisar as ilustrações que compunham o periódico *O Mosquito*, feita pelo caricaturista e diretor artístico David Osipovitsch Widhopff. Para isso, é interessante retomarmos alguns acontecimentos que permitiram a atuação de Widhopff como ilustrador na capital paraense. Ainda na Europa, Widhopff trabalhou como ilustrador e colaborador de diversos jornais na Europa, entre os quais o alemão *Kunst für Alle*, o *The Illustrated London News*, o *Artiste* de Moscou, a *Revista* de Portugal e a *L'Illustration* de Paris (Salles, 1994, p. 19). Além da sua atuação nos jornais, Widhopff formou-se na Academia Imperial de Odessa, na Academia de Belas Artes de Munique e na *Académie Julian*. Em Paris, ao final de 1893, o artista assinou contrato e foi nomeado para o cargo de professor de desenho na Escola Normal e no Lyceu Benjamin Constant, ambos localizados na cidade de Belém do Pará. Chegou ao Brasil em 1894, onde teve a oportunidade de trabalhar como ilustrador e diretor artístico dos jornais paraenses *O Mosquito*, *A Província Ilustrada* e *Zig-Zag*. O jornal *O Mosquito* realçava a ironia de Widhopff, que foi parte importante na criação de um cenário humorístico no Pará, sendo reconhecido por suas “boas ferroadas”², já que grande parte das ilustrações possuíam cunho satírico ao abordar as temáticas do período. O periódico impresso na tipografia Alfredo Silva & C.^a e redigido pelo poeta Paulino de Brito (Salles, 2005, p. 98) teve seu primeiro número publicado em 30 de março de 1895, e saiu de circulação em sua sétima edição, em 11 de maio do mesmo ano. O jornal se definia, na apresentação da primeira edição publicada, como “[...] um singelo devaneio nostálgico do Widhopff”³, e contava com a assinatura do russo em todos os números. As obras a serem analisadas a seguir visam discutir e refletir sobre as escolhas do artista em relação ao que seria divulgado no periódico, ilustrações referentes aos acontecimentos artísticos e sociais da época, dedicando grande destaque ao teatro e à ópera.

2 O Jornal, 26 de junho de 1964, nº 13216, p. 4.

3 O Mosquito, Pará, 30 de março de 1895, anno 1, n. 1, p. 2.

A primeira ilustração, “*Um amargo quarto d’hora para o sr. Percopo*” (1895), aborda o grandioso sucesso e uma esplêndida novidade⁴ promovida pela apresentação da ópera *Mignon*, em Belém do Pará. Com estreia no Theatro da Paz, a ópera foi apresentada pela primeira vez no dia 20 de março⁵, sendo uma das 14 óperas que compunham a temporada lírica de 1895, organizada pelo maestro Gama Malcher. O espetáculo contava com a atuação de nomes como Clotilde Sartori, Raymonda da Costa, Fustinoni, Frederico Percopo, Francesco Niccoletti, Vittorio Trevisan e Giovanni Scolari. A ilustração, por sua vez, aborda a presença de Frederico Percopo que, de maneira satírica, aparece sendo esmagado pelos abraços da meio-soprano Clotilde Sartoni.

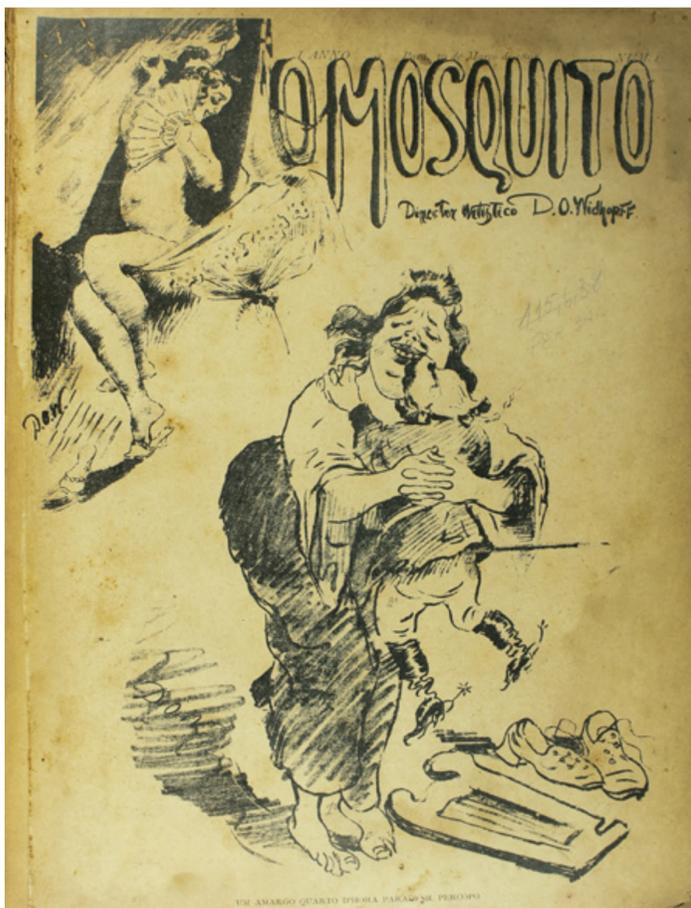


Figura 1. David Widhopff, *Um amargo quarto d’hora para o sr. Percopo*

Ilustração da capa do jornal *O Mosquito*, 30 de março de 1895, ano 1, n. 1, 31 x 24 cm

Disponível em: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, Brasil

⁴ A Província do Pará, 19 de março de 1895, anno XX, s/n., p. 3.

⁵ A Província do Pará, 19 de março de 1895, anno XX, s/n., p. 3..

Na ilustração, temos a representação de Clotilde Sartoni como uma mulher alta, de braços grandes e que, com um sorriso simpático no rosto, aperta o pequeno homem em um forte abraço. O homem que flutuava em seus braços, por sua vez, possuía botas pretas até o joelho, com fios que brilhavam na ponta, parecendo bombas prestes a explodir. Tratava-se do tenor Frederico Percopo. A mulher aparece descalça, com os sapatos ao lado, e no espaço entre os calçados e os pés da mulher, há um objeto caído no chão, o qual nos parece uma harpa. Na sombra atrás da cantora, está a assinatura com as iniciais do artista russo “D. O. W.”. Acima da ilustração, há o cabeçalho do jornal *O Mosquito*, presente nas capas de todas as edições.

Clotilde Sartori teve destacada atuação como meio soprano em temporadas sul-americanas, entre os anos de 1895 a 1898. Porém, sua primeira viagem para a América do Sul foi ainda em 1888, quando cantou alguns poucos títulos no Rio de Janeiro (Páscoa, 2006, p. 285). Em Belém, interpretou a protagonista de *Mignon*, a Leonor de *La favorita* e a Sacchena, de *Yara*, de José Cândido da Gama Malcher (Páscoa, 2006, p. 285). Compôs ainda as óperas *Aida*, *Un ballo in maschera*, *La Gioconda*, *Il trovatore* e *Cavalleria rusticana*, entre os meses de abril e junho de 1895. Por sua vez, Frederico Percopo (ou Percopo) era um tenor lírico leve, “Sua carreira não parece ter se estendido muito e as informações sobre ele escasseiam à medida que avança o século XX” (Páscoa, 2006, p. 278). Em Belém, esteve no corpo artístico das óperas *La favorita*, *Lucia di Lammermoor*, *Mignon* e *Fausto*. No caso da *Mignon*, o tenor desempenhava o papel de Guglielmo. Em referência aos acontecimentos retratados na ilustração, o articulista escreve uma “Pequenina chronica teatral”, título que se tornaria recorrente nas demais edições, como um quadro semanal.

A Mignon encheo a semana finda. Para nos servirmos da frase usual de um ex-chronista nosso conhecido, queremos dizer que o mimoso spartito de A. Tomás encheo a platéa do Theatro, as algibeiras da Associação Lyrica e o peito dos mais enthusiasmos perús do nosso meio. [...] isto é, o que vamos dizer, é que houve um meio termo entre os partidários dos rouxinoes que o maestro Malcher trouxe da Itália. Quer os costistas, quer os sartoristas porfiaram nas palmas e incharam as mãos a valer.

O Sr. Percopo esteve, entretanto, de um caiporismo lastimável. Por um triz que os abraços da signora Sartoni o não esmagam de esporas, badine e carapuça.

Como entre costistas e sartoristas contamos os mais queridos amigos... queiram portanto Raymonda Costa e Sartori aceitar os nossos mais sinceros parabéns.

Explendidas, ambas! Sublimes! Inimitaveis!⁶

O trecho em questão parece nos revelar um conflito preexistente entre os fãs da meio-soprano Clodilte Sartori e da soprano Raymonda da Costa, ambas da temporada lírica de 1895. Apesar de o articulista não aprofundar o que seria a motivação do conflito, é possível perceber, por meio das questões que apareciam nas críticas dos jornais, uma constante disputa entre os cantores pela conquista da preferência por parte do público. Além disso, muito se falava sobre a recepção da plateia em dias de espetáculos, como um meio de determinar tal favoritismo. Acerca disso, Páscoa nos revela um dos possíveis motivos desta disputa:

6 O Mosquito, Pará, 30 de março de 1895, anno 1, n. 1, p. 2.

[...] quem mais cresceu foi Raymonda da Costa.

Escalada para o papel de Filine na criação absoluta da *Mignon* no Pará, teve a soprano mais uma oportunidade de roubar o público integralmente par si, mesmo com a boa interpretação geral da partitura, especialmente da protagonista vivida por Clotilde Sartori (Páscoa, 2006, p. 119).

Para Páscoa, a soprano Raimonda da Costa, cujo verdadeiro nome era Celestina Águila (Páscoa, 2006, p. 258), “roubou” o público para si, deixando de lado o protagonismo da senhorita Sartori. Porém, o articulista d’*O Mosquito* se refere aos músicos da ópera como “rouxinóis”, e afirma que, entre as cantoras, haveria surgido uma trégua em ocasião do sucesso da ópera *Mignon*, já que, apesar das disputas, as duas cantoras foram ovacionadas pela plateia. Sendo assim, o lápis satírico do russo preferiu retratar a situação em torno do senhor Percuopo, que se viu quase esmagado pelos abraços de Sartori, talvez por considerar que a representação causaria mais riso aos leitores. O próprio periódico parecia concordar com isso, afirmando que:

Mas o maior entusiasmo foi na entrada d’*O Mosquito*, sabbado á noite, 30, no Theatro. Honras iguaes de triumpho nunca haviamos presenciado!

Ninguém mais ouviu uma só nota do Trovador! Nos camarotes, na platéa e nos vestibulos, todos riam e folgavam admirando o engenho artístico do Widhopff.

Diz-se até, - e isto conta-se aqui muito em segredo - diz-se que o Sr. Ceppi ao encarar com a figura da Sartori na attitude canibalesca de querer engulir o pobre do Percopo, tivera um tão grande frouxo de riso que por pouco não compromette um si natural.

Calculem só que desastre não iamos causando...⁷

Na segunda obra, temos uma ilustração representando a soprano Anna Politova (ou Politoff), em ocasião da premiére da ópera Fosca, também ocorrida no Theatro da Paz, no dia 13 de abril de 1895. Anna Politoff foi escriturada em Milão pelo maestro paraense Gama Malcher, organizador da temporada de 1895. As contratações se deram a cargo da empresa Alzatti & Villa, que era vinculada à Associação Lírica Paraense, por sua vez subvencionada pelo governo do Estado do Pará. Até o momento, não foram encontrados rastros da ilustre cantora nos elencos que se exibiram no Rio de Janeiro, São Paulo e outras praças brasileiras, ficando a sua presença restrita aos solos paraenses. Após o seu retorno à Europa, também ainda não encontramos muitos registros seus por teatros de tradição italiana, “o que leva a crer que ela deve ter feito carreira pelo circuito anglo-saxão ou do leste europeu, como seu nome sugere” (Páscoa, 2009, pp. 347-348).



Figura 2. David Widhopff, *A Anna Politova na noite de seu benefício.*

Ilustração do Jornal O Mosquito, 7 de maio 1895
Disponível em: SALLES, Vicente. Maestro Gama Malcher: a figura humana e artística do compositor paraense. Belém: UFPA/SECULT. 2005, p. 231.

7 O Mosquito, Pará, 6 de abril de 1895, anno 1, n. 2, p.2.

Na obra em questão, vemos um retrato da cantora, onde ela possui os cabelos presos em um coque alto, um olhar sereno e um leve sorriso. Politoff está dentro de um arranjo de flores e folhas e, acima dela, há a representação de uma ninfa tocando harpa. Abaixo, há uma faixa onde está escrito “Fosca”, que é o título da ópera de Carlos Gomes da qual fazia parte. Vemos ainda o busto de Carlos Gomes, com um olhar sério e a mão direita levantada, segurando o que nos parece uma batuta, instrumento utilizado para regência de óperas. Do lado direito da ilustração, há um poema e, ao fim, uma dedicatória de David O. Widhopff ao sr. Alfredo Sousa, datada de 1895. A soprano representada em ocasião de sua noite de benefício havia conquistado o público paraense por sua atuação nas óperas *Fosca*, de Carlos Gomes, *Yara*, de José Cândido da Gama Malcher e *Aída*, de Verdi. Participou ainda dos elencos das óperas *La Gioconda* e *Cavalleria Rusticana* (Páscoa, 2006, p. 124).

As noites de benefícios eram momentos importantes que compunham a temporada lírica de 1895, onde cada músico era celebrado com uma noite de festa em seu nome. A pessoa homenageada cantava uma ópera de sua escolha, recebia presentes e aplausos do público ou de outros músicos.

A *Fosca* subiu enfim ao palco do Theatro da Paz no dia 13 de abril, repetindo-se logo no dia 14 [...] Os dias 18 e 19 de abril viram igual programa e manifestações de satisfação. Sem dúvida alguma, Politoff escolheu a peça para seu benefício em 8 de maio.

A fase dos benefícios, à propósito, começou ainda em abril. Clotilde Sartori fez a sua festa em 24 deste mês com a *Aida*, sendo muito festejada pelo público. Seguiu-se com a noite do maestro Armani, favorecido pela récita do dia 1º de maio, com a *Lucia di Lammer-*

moor, em que tomaram parte Antonio Ceppi e Alessandro Arcan-
geli. O primeiro valeu-se no dia 11 de *Il trovatore* e o segundo com *La Gioconda*, em 17 do corrente mês. Antes disso Raymonda da Costa repetira a *Lucia di Lammermoor* em seu favor, no dia 11.

Dois dos mais queridos artistas deixaram seus festivais para mais tarde. Francesco Nicoletti escolheu laurear-se no dia 16 de maio com a *Mignon* e Maria di Nunzio no dia 18 do mesmo mês, com a *Aida* (Páscoa, 2006, p. 120).

A ópera *Fosca* foi, portanto, a escolha de Politoff para sua celebração. Nesse momento, é interessante ressaltar que o tom satírico característico do periódico *O Mosquito* dá lugar à admiração pela soprano russa. É possível inferir que tal admiração por parte do jornal e, principalmente, de Widhopff, poderia refletir possíveis relações de amizade entre os dois russos vivendo no Pará. Levantamos a hipótese de que a predileção mostrada pelo jornal seria fruto de um reconhecimento entre os pares conterrâneos em uma terra distante. Para corroborar essa ideia, trazemos um trecho do poema escrito ao lado da ilustração:

É russa! Porém se a vejo,
Por pouco que considere-a,
Não encontro n'ella o gêlo
Dos steppes da Sibéria;

Julgo-a, ao vê-la Tão sensível
Ao riso, ao pranto, ao amor,
Digna de ser brasileira,
Digna de ser do Equador!⁸

⁸ Transcrição de um trecho do Poema ao lado da ilustração “O Mosquito A Anna Politova na noite de seu benefício”, David Widhopff, Ilustração do Jornal O Mosquito, Disponível em: SALLES, Vicente. Maestro Gama Malcher: a figura humana e artística do compositor paraense. Belém: UFPA/SECULT. 2005, p. 231.

No poema, a soprano é associada às mulheres brasileiras ou latinas, pela sensibilidade e amor depositada por ela em suas atuações. Ainda não foi possível reconhecer a sua autoria, porém, consideramos que existam três possíveis autores: Widhopff, assinando a poesia e a ilustração, o que desencadearia a descoberta de novas habilidades e atuações do caricaturista; Paulino de Brito como autor, por se tratar do responsável por redigir os números do periódico⁹; ou o amigo a quem o Widhopff faz referência ao final do texto, o sr. Alfredo Sousa¹⁰. Por fim, é interessante pensarmos a presença de traços e formas simbolistas na maneira que o artista apresenta os personagens, em meio a figuras esvoaçantes, uma ninfa tocando harpa, flores e aves. A junção destes elementos nos remete a uma atmosfera fantástica e mítica dos sonhos, ao mesmo tempo que dialoga com outras obras simbolistas do período.

Por fim, retomamos as temáticas satíricas com a ilustração onde Widhopff representa uma das figuras mais populares de Belém à época: a “mulata paraense”. Essa personagem que circulava na cidade de Belém no século XIX era comumente descrita por intelectuais e artistas como uma mulher negra ou parda que usava vestidos brancos e que, segundo eles, estes produziam um agradável efeito de contraste em seus corpos (Wallace, 2004. pp. 42-43). Para o pesquisador paraense Vicente Salles, Widhopff estaria ilustrando:

[...] sobretudo a *mulata*, tipo étnico decantado pelo poeta paraense Juvenal Tavares no seu opúsculo *A viola de Joana* e de tão largo prestígio que a ela se referia antiga música de carnaval de Belém:

‘El-Rei, el-rei, el-rei embaixador,

Ora viva a mulata que tem o seu amor!’ (1971, p. 117)

⁹ Nesse caso, seria interessante considerar que Widhopff já ilustrou também o seu poema de nome “Cuba” (1895) e o conto de nome “Uma Aventura” (1895), ambos do mesmo ano da ilustração em questão.

¹⁰ Sabemos que, desde a chegada de Widhopff a Belém, o sr. Alfredo Sousa estabeleceu uma relação de amizade com o russo, ficando ainda responsável pelos seus negócios na cidade, em ocasiões em que Widhopff retornava para a Europa de licença, sendo, portanto, uma pessoa de confiança do artista. Para mais informações ver: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. Campinas, São Paulo: 2001. e Folha do Norte, 20 de janeiro de 1896, nº 20, p. 3.



Figura 3. David Widhopff, *Sua majestade Joana e seu pintor*.

Ilustração da capa do jornal *O Mosquito*, 27 de abril de 1895, ano 1, n. 5,

31cm x 24cm

Disponível em: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, Brasil

Na ilustração “Sua majestade Joana e seu pintor” (1895), a personagem retratada aparece descalça, com mãos grandes e desproporcionais ao corpo e o rosto marcado por uma sombra que parece uma barba. Usa um vestido longo branco com mangas compridas bufantes e possui cabelos amarrados. Parece, portanto, um homem em roupas femininas. Tratando-se de Widhopff, sabemos da tendência que a obra tem de se tornar uma sátira humorística, ilustrando o próprio artista de maneira caricata. Widhopff aparece pequeno em relação à “majestade” retratada, retraído, corcunda e com um olhar minucioso, focado em seu ofício. “Tem cabelos pretos com entradas de calvície, e as barbas são escuras e longas. O cavalete está de costas para o espectador, de modo que não é possível observar o que nele é produzido” (Silva, 2022, p. 253). Acima do artista, temos a recorrente imagem de uma ninfa que balança seu delicado leque, presente em todas as capas do periódico *O Mosquito*.

Vale ressaltar que, nesse momento, a sátira estava depositada sob a figura da “mulata paraense”, o que atingia mulheres pobres, mestiças, negras, indígenas e outrora escravizadas que, “ao usarem vestimentas brancas, ao se adornarem com brincos, colares de contas de ouro e flores no cabelo, exalam perfumes provenientes da mistura de raízes” (Teixeira, 2020, p. 404). Por conta disso, é interessante apontarmos que, “[...] a forma que a representação é feita, por meio dos elementos presentes na composição da imagem, ressalta as discussões e teorias de cunho higienista em voga nesse período” (Silva, 2022, p. 254). Pensamos ainda nos trabalhos de Euclides da Cunha que, em seus escritos amazônicos, reforçava os estereótipos acerca da considerada preguiça dos chamados caboclos ou “mulatos”, que “segundo ele, passavam a vida bebendo, dançando e zombando” (Schweickardt; Lima, 2010, p. 402) e, dentre eles, estava incluída a chamada “mulata paraense”.

Neste trabalho, objetivou-se investigar o estudo da produção, circulação e recepção das três obras publicadas no jornal *O Mosquito*, enquanto demonstrações do interesse do artista russo pela cultura brasileira, do cunho irônico de suas ilustrações e da atuação de Widhopff em meio aos círculos artísticos e culturais da sociedade paraense do final do século XIX. A partir da análise de suas obras, pudemos reconhecer o elevado tom satírico que suas ilustrações possuíam no tratamento às questões culturais e sociais brasileiras, e perceber como elas dialogavam atentamente com as temáticas em voga em Belém do Pará, versando sobre temas que vão desde a temporada lírica de 1895, até as teorias higienistas do período.

Referências bibliográficas:

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929*. Campinas, São Paulo: 2001.

PÁSCOA, Márcio. *Cronologia lírica de Belém*. Belém: AATP, 2006. 304 p.: il., 29cm.

PÁSCOA, Márcio (org.). *Ópera em Belém*. Manaus: Editora Valer, 2009. 538p.

SALLES, Vicente. *David Osipovitch Widhopff: um artista russo no Grão Pará*. 1994, Brasília, Micro edição do autor. In: Memorial Vicente Salles: <https://vicente-salles.wordpress.com/as-microedicoes/>. Acessado em 06 de mar. 2020.

SALLES, Vicente. *Maestro Gama Malcher: a figura humana e artística do compositor paraense*. Belém: UFPA/SECULT. 2005.

SALLES, Vicente. *O Negro no Pará, sob o regime da escravidão*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serv. de publicações [e] Univ. Federal do Pará, 1971. Col. Amazônica: série José Veríssimo.

SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade. *Do “inferno florido” à esperança do saneamento: ciência, natureza e saúde no estado do Amazonas durante a Primeira República (1890-1930)*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 5, n. 2, p. 399-415, maio/ago. 2010.

SILVA, Laura Camila Silva da. O russo David Widhopff em Belém do Pará: circulação e transferências artísticas na representação de temáticas brasileiras (1893-1910). In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 16, 2022. *Atas do XVI Encontro de História da Arte*. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 16, 2022, p. 251-260.

TEIXEIRA, Amanda Gatinho. *Mulatas, caboclas e escravizadas: modas de mulher na cidade de Belém (1870-1912)*. *Crítica Histórica*, ANO XI, Nº 22, Dezembro/2020.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

